
Vozes Da Lama: Histórias De Quem Viveu A Tragédia De Mariana. Uma Grande Reportagem Multimídia¹

Thatiana Afonso CORDEIRO²

Daniela OLIVEIRA³

Universidade Veiga de Almeida, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

A tragédia em Mariana é uma lamentável parte da história de Minas Gerais, do Brasil e da humanidade. Em 05 de novembro de 2015, a estrutura da barragem do Fundão, que pertence à mineradora Samarco, não suportou. Durante uma tarde comum, ela rompeu, matando 19 pessoas, das quais 18 corpos foram encontrados. Embora a lama de rejeitos tenha secado, seus desdobramentos continuam impactando a vida na região. Povoados inteiros desapareceram, plantações e animais foram soterrados. A massa de rejeitos passou pelo estado do Espírito Santo e se encontrou com o Oceano Atlântico. A saúde dos moradores piorou. Diante de tal quadro, este trabalho jornalístico se propôs a oferecer uma voz, sendo mais uma força para que a tragédia de Mariana não seja esquecida. O dia 05 de novembro de 2015 ainda não acabou, mas há esperança.

PALAVRAS-CHAVE: barragem; Mariana; reportagem; tragédia.

INTRODUÇÃO

Este trabalho traz à tona a tragédia que ocorreu no dia 05 de novembro de 2015, em Mariana, no estado de Minas Gerais: o rompimento da barragem do Fundão. Segundo o Ministério Público do Estado de Minas Gerais (MPMG), às 16h20, a estrutura não suportou a quantidade de rejeitos de minério de ferro e rompeu. O material era como uma lama, que atingiu com violência cidades da zona rural de Mariana, a vizinha Barra Longa, alcançou o estado do Espírito Santo e chegou ao Oceano Atlântico.

De acordo com o MPMG, o rompimento da barragem do Fundão é considerado a maior tragédia ambiental do país, tendo em vista as perdas e os impactos humanos, ambientais e culturais. Foram 19 mortos e muitas famílias destruídas. Comunidades,

¹ Trabalho apresentado na IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – XVII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Graduada em 2021.1 no Curso de Jornalismo da Universidade Veiga de Almeida, e-mail: thatianacordeiro@hotmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da Universidade Veiga de Almeida, integrante do NDE do curso, Mestre em Comunicação pela PUC-Rio. E-mail: daniela.oliveira@gmail.com

plantações e animais desapareceram. A lama “poluiu cursos d’água, deixando um rastro de destruição em toda a bacia do rio Doce, em Minas Gerais, com reflexos até a foz do rio, no estado do Espírito Santo, e no oceano Atlântico”. (MPMG, np)

A jornalista Cristina Serra, autora do livro “Tragédia em Mariana - A história do maior desastre ambiental do Brasil”, corrobora:

34 milhões de metros cúbicos de rejeitos de minério de ferro despejados na natureza; cerca de 660 quilômetros percorridos pela lama no curso do Rio Doce; 38 municípios atingidos; 14 toneladas de peixes mortos recolhidos no rio; centenas de milhares de moradores da bacia sem água potável. (SERRA, 2018, p.13)

Apesar de tantos números, que parecem abarcar a situação, a jornalista afirma que eles “não são capazes de traduzir a dimensão humana de uma catástrofe como essa. Não dão rosto a essa história”. (SERRA, 2018, p. 13-14)

A partir do desastre e com o intuito de evitar que o ocorrido seja esquecido, o objetivo desta produção foi a Grande Reportagem Multimídia: “Vozes da Lama: Histórias de pessoas que vivenciaram o rompimento da barragem de Mariana”.⁴ A reportagem conta com nove entrevistados, dos quais oito vivenciaram a tragédia de alguma forma e relataram suas experiências. Estão presentes os relatos de quatro moradores, duas voluntárias, um bombeiro, uma jornalista e uma psicóloga, que abordou a importância da memória para a reconstrução da vida no local e como uma força para evitar que futuros eventos semelhantes venham a acontecer.

As entrevistas realizadas tinham o intuito de ouvir, diretamente das fontes, como foram suas vivências com relação à tragédia. Todos os entrevistados cooperaram para o entendimento do que aconteceu e dividiram experiências de um jeito que só quem viveu é capaz de contar. Ouvir diretamente essas pessoas, sem terceirizar a informação, é a forma mais fiel de compartilhar essas histórias com quem talvez nunca tenha a oportunidade de conversar com um desses entrevistados. Juntas, as entrevistas somam 7 horas, 7 minutos e 15 segundos.

O processo de criação da reportagem começou com uma busca por personagens e por um maior conhecimento sobre o tema. Após alguns contatos feitos, novas possibilidades de entrevistas surgiram e, assim, a reportagem foi se tornando possível.

⁴ Disponível em: <https://spark.adobe.com/page/Fwkk8zacIxOR1/>

Sobre o fator multimídia da produção, destacam-se os vídeos, que são trechos retirados das videochamadas realizadas com as fontes; e as fotos que, em grande parte, são registros pessoais dos próprios entrevistados, o que acaba por trazer maior proximidade com o trágico acontecimento.

Os autores Bruck e Vargas fazem uso das palavras do filósofo e pensador francês Paul Ricoeur, colocadas no livro “A memória, a história e o esquecimento”, que alertam para a importância de diversos profissionais na luta contra o esquecimento da história, a fim de que seja possível viver um presente e um futuro melhores do que o passado.

[compete aos] profissionais científicos da memória, antropólogos, historiadores, jornalistas, sociólogos, fazer da luta pela democratização da memória social um dos imperativos prioritários da sua objetividade científica. (...) A memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens (RICOEUR, 2007, p. 436-437 apud BRUCK; VARGAS, 2019, p. 8)

Além disso, também é papel do jornalista conhecer e contar histórias reais, de forma a revelar realidades e informar à sociedade. Com a utilização da linguagem literária na grande reportagem multimídia é possível produzir conteúdo jornalístico que alcance as pessoas para além das notícias sobre o tema. Por meio da história relatada por quem realmente a vivenciou, é possível buscar um olhar mais humanizado sobre a tragédia.

Quando uma fonte fala sobre a sua própria experiência, em um momento como o que marcou o município de Mariana, acredita-se ser possível ver que o assunto vai muito além de questões políticas, jurídicas e empresariais. Fala-se de famílias separadas, de passados enlameados, de histórias marcadas, de sonhos enterrados e de uma esperança que procura forças para recomeçar. Fala-se de pessoas.

O ROMPIMENTO DA BARRAGEM

O município de Mariana, fundado em 1696, tem sua trajetória intimamente ligada à mineração, assim como todo o estado de Minas Gerais, o qual possui várias localidades que fizeram parte do ciclo do ouro entre Brasil e Portugal. A atividade mineradora é tão forte e relevante, ao menos, pelo ponto de vista econômico, que o

nome do estado leva a palavra “Minas”. O local também é marcado pela tradição religiosa e pelo turismo cultural, fatores que tornam ainda mais grave a tragédia, que levou, além de vidas e moradias, uma parte importante da história da humanidade.

No dia 5 de novembro de 2015, segundo o MPMG, às 16h20, uma tragédia marcou, não apenas o município de Mariana, mas o Brasil e o mundo. A barragem do Fundão, que fazia parte do complexo minerário de Germano, em Bento Rodrigues, subdistrito de Mariana, rompeu. De acordo com o periódico Arquivos do Museu de História Natural e Jardim Botânico/UFMG, 34 milhões de m³ foram lançados na bacia hidrográfica do Rio Doce e 16 milhões de m³ ficaram retidos na barragem de Santarém, que foi atingida pelo rompimento da barragem do Fundão, mas continua de pé. (PINTO-COELHO, 2015)

A lama que saiu da barragem invadiu córregos e chegou até o Rio Gualaxo do Norte, que transbordou e atingiu o povoado de Bento Rodrigues, indo em direção a Paracatu de Baixo, ainda no município de Mariana. A massa de rejeitos, carregada de materiais sólidos que ia arrastando pelo caminho, chegou até o Ribeirão do Carmo, já em Barra Longa, onde atingiu o povoado de Gesteira, na zona rural, e também o centro da cidade, na zona urbana. Incontível, a lama seguiu o curso do rio até se encontrar com o Oceano Atlântico, no estado do Espírito Santo.

O desastre deixou 19 mortos, dos quais 18 corpos foram encontrados pelo Corpo de Bombeiros de Minas Gerais. Os impactos foram tão grandes que muitas pessoas passaram a conviver com depressão, ansiedade e outros problemas de saúde, como doenças de pele e respiratórias. Ninguém vive mais em Bento Rodrigues e Paracatu de Baixo. Boa parte do gado, peixes, aves e outros animais morreram soterrados, e continuam morrendo, sobretudo, por conta da contaminação dos rios.

Carlos Andreazza, editor do livro “Tragédia em Mariana – a história do maior desastre ambiental do Brasil”, da jornalista Cristina Serra, se referiu ao acontecimento como um “rompimento devastador” e garantiu que ele está entre um dos eventos mais relevantes e mais dramáticos da vida pública brasileira no século XXI. Mais do que isso: “um dos maiores desastres ambientais de todos os tempos”. Nesse sentido, o Instituto Moreira Sales afirmou que, além de ser a maior tragédia ambiental brasileira, o

rompimento da barragem de Mariana é o “mais grave acidente – e único dessa natureza – da história da mineração mundial”.

A barragem do Fundão foi construída para acompanhar o crescimento da empresa Samarco Mineração S/A, controlada por duas empresas: a brasileira Vale S/A e a anglo-australiana BHP Billiton, cada uma com 50% das ações da mineradora. Com o aumento da produção, houve também o aumento da quantidade de rejeitos e as barragens estavam operando no limite. A licença para que a barragem do Fundão pudesse começar a operar foi concedida em setembro de 2008 e em dezembro do mesmo ano foi iniciada a deposição de rejeitos. Com o passar do tempo, a barragem não suportou o acúmulo desses rejeitos e rompeu.

A barragem sofreu, ao longo do tempo, várias paralisações e passou por diversas intervenções de engenharia. Entre essas obras, constatou-se a construção de um recuo, não previsto no projeto original e não licenciado pelo Poder Público. (MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL, np)

De acordo com a investigação jornalística feita por Cristina Serra, que deu origem ao já citado livro “Tragédia em Mariana”, existem falhas no processo de licenciamento da barragem e na maneira como ela foi construída, operada e administrada, que podem ajudar a entender o que aconteceu: “sequências de falhas que culminaram com o seu colapso [da barragem]”. Além disso, Cristina conta que diferentes documentos mostram que “os problemas da estrutura eram do conhecimento de gestores e diretores, e que eles receberam vários alertas sobre anomalias em Fundão”. (SERRA, 2018, p. 133-134)

No mesmo sentido, o líder indígena e ambientalista Ailton Krenak afirmou, em entrevista ao Instituto Socioambiental, que não se pode aceitar que chamem de acidente, por se tratar de um acontecimento em que não houve controle e no qual os responsáveis agiam de forma negligente, por saberem que não sofreriam consequências pessoais.

Não foi um acidente. Quando eu ouço perguntarem sobre ‘o acidente’ de Mariana, eu reajo dizendo que não foi um acidente. Foi um incidente, no sentido da omissão e da negligência do sistema de licenciamento, supervisão, controle, renovação das licenças, autorização de exploração. (...) Os municípios que estão ao longo dessa bacia têm uma população de um milhão e meio de pessoas, diretamente afetadas pela derrama da lama tóxica sobre o Rio Doce. ‘Diretamente’ significa que, indiretamente, pode-se colocar isso

na casa dos dez milhões. Mas e a biodiversidade? A Bacia do Rio Doce foi cauterizada. Agora, aquele corredor de 800 km é uma calha morta. (KRENAK, 2016, np)

Foram momentos trágicos. No livro *Além da Lama*, Leonard Farah conta como foi a atuação do Corpo de Bombeiros de Minas Gerais durante as primeiras 15 horas depois do rompimento da barragem. Farah é Comandante da Companhia Operacional de Busca e Salvamento do Batalhão de Emergências Ambientais e Respostas a Desastres e liderou uma equipe especializada, que, segundo o livro, “trabalhou incessantemente para resgatar mais de 700 moradores ilhados, mesmo quando outra barragem podia se romper a qualquer momento”. (FARAH, 2019)

Logo nos primeiros instantes, o capitão, que tentava se lembrar de todos os treinamentos pelos quais já passou, viveu momentos de tensão, enquanto via tudo ser levado como “pedaços de papel”.

Era nítido o desespero de todos. O choro não era contido, e nós não podíamos fazer mais nada. Esse sentimento de impotência é o pior que um bombeiro pode ter [...]. Sabíamos apenas que era impossível segurar aquele tsunami de lama que vinha em nossa direção. (FARAH, 2019, p. 24)

Após a tragédia, foi criada a Fundação Renova: “entidade responsável pela mobilização para a reparação dos danos causados pelo rompimento da barragem de Fundão, em Mariana (MG)”. Ela é resultado de um compromisso jurídico chamado Termo de Transação e Ajustamento de Conduta (TTAC), assinado em março de 2016, que reúne práticas para a mitigação dos impactos, por meio de “42 programas e projetos que estão sendo implementados na área impactada do Rio Doce e afluentes”. A Renova conta com a participação de técnicos e especialistas de diversas áreas, entidades da área socioambiental e do conhecimento científico, somando hoje “cerca de 6 mil pessoas (entre colaboradores próprios e parceiros) trabalhando no processo de reparação, de Mariana à foz do rio Doce”. (FUNDAÇÃO RENOVA, np)

A IMPORTÂNCIA DA MEMÓRIA PARA A RECONSTRUÇÃO DA VIDA

De acordo com o Padre Jesús Hortal Sánchez, Reitor da PUC-Rio e autor da apresentação do livro “O Sobrevivente - Memórias de um brasileiro que escapou de

Auschwitz”, de Aleksander Henryk Laks e Tova Sender, a memória tem lugar fundamental para a continuidade da vida e para a prevenção de situações futuras: “Precisamos da lembrança, para podermos construir um futuro diferente”. (LAKS, 2011, p.12).

Para o Padre Jésus, apesar de o Holocausto se tratar de “um passado que gostaríamos que nunca tivesse existido”, marcado por dor, sofrimento e crueldade, lembrar do que aconteceu pode impulsionar a esperança de que ele jamais aconteça novamente. “Sim, estou certo de que, ao preservar a memória do passado, estamos buscando caminhos novos de esperança”. (LAKS, 2011, p.12).

A memória viva começa a partir daqueles que vivenciaram o acontecimento. Nesse sentido, percebe-se a importância de dar voz aos que podem falar com propriedade sobre o assunto. Os autores do artigo “Narrativas da memória como dispositivo: A Sirene e a luta contra o esquecimento da tragédia do fundão”, Mozahir Salomão Bruck e Herom Vargas, confirmam a importância de ouvir pessoas que de alguma forma participaram do rompimento da barragem: “a testemunha atesta e traz em si mais do que si mesma. É portadora de uma verdade – forjada na experiência - que, por si mesma, não pode ser reduzida a uma mera opinião”. (BRUCK; VARGAS, 2019, p. 9)

Em dedicatória pessoal no próprio livro “O Sobrevivente”, Laks escreveu, em setembro de 2011, o que os sobreviventes da tragédia de Mariana também poderiam escrever: “Que meu passado nunca seja o futuro de ninguém”. É nesse sentido que se faz necessária a memória, não como mera lembrança, mas de forma trabalhada. Vale destacar que, para que isso aconteça, é extremamente importante oferecer ferramentas à população, como lugares para compartilhar as experiências, sob acompanhamento de profissionais capacitados. Assim, a partir da memória, a realidade pode ser transformada e futuros eventos semelhantes podem ser evitados. (PIMENTEL, 2021)

A REPORTAGEM E A GRANDE REPORTAGEM MULTIMÍDIA

A reportagem é uma das possibilidades para o exercício do Jornalismo e uma forma para entender suas características é comparando-a com a notícia. A reportagem

lida com assuntos mais atemporais, menos factuais, dedicando-se a abordar temas com mais profundidade e abrangência que uma notícia, por exemplo, que se restringe mais aos fatos. Para isso, a reportagem demanda alto nível de planejamento e leva mais tempo para ser desenvolvida. Outra diferença entre os dois formatos está no estilo de escrita, que é mais livre na reportagem, podendo estar mais voltado à investigação e aos dados, e possuir uma linguagem mais literária. (LAGE, 2015)

O jornalista Sergio Vilas-Boas é um estudioso da reportagem. Para ele, o modo de fazer as reportagens foi muito impactado pelo avanço tecnológico, mas há uma questão que não mudou. Ele garante que, por mais que a tecnologia atual e o mundo globalizado permitam maior facilidade para conseguir informações, há pontos que só podem ser compreendidos e repassados quando se está no local sobre o qual se fala. (VILAS-BOAS, 2010)

Para Ricardo Kotscho, uma grande dificuldade para o desenvolvimento de uma reportagem é o tempo de dedicação a ela, que parece não encaixar na lógica da correria e da pressa presente nas redações. “O relógio da reportagem é muito específico e único. Não é o relógio do editor do jornal, do cara que vai comprar o seu frila. É o relógio da história, que tem um tempo de maturação”. (KOTSCHO, 2018, apud MASSUELA, 2018, np)

A entrada do jornalismo brasileiro no mundo digital começou nos anos 90, com a literal transposição do conteúdo impresso, sem modificações, para a web. Assim, a novidade não está exatamente no tipo de conteúdo, já que grandes reportagens já existiam no meio impresso. A novidade estaria, sobretudo, no suporte tecnológico, que abriu novas oportunidades para o compartilhamento de conteúdo jornalístico. (BACCIN, 2017)

Segundo a pesquisadora e professora de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, Raquel Ritter Longhi (2015), a grande reportagem jornalística se renovou quando foi para o meio digital, na primeira década dos anos 2000, e atingiu a sua maturidade a partir de 2012, com o avanço do HTML 4 para o 5. Com essa atualização, a criação de sites e a navegação neles se tornaram mais fáceis, o que trouxe

novas possibilidades de convergência multimídia e dinamizou o processo jornalístico no ambiente virtual, tanto para os produtores quanto para os consumidores de conteúdo.

A inovação tecnológica impulsionou mudanças no campo do jornalismo, que acabaram por transformar também a forma de contato dos leitores com as produções textuais. Para Longhi (2015), a nova etapa que a internet alcançou “compreende a consolidação da grande reportagem multimídia”, na qual se tornaram possíveis técnicas como o *parallax scrolling* e o texto *longform*. O primeiro, acontece quando a imagem de fundo se move mais lentamente que a imagem em primeiro plano, o que contribui para dinamizar a experiência do leitor. O segundo, é traduzido por “formato longo”, sendo caracterizado por conteúdos mais extensos. (LONGHI, 2015, p. 8)

É interessante notar também que a grande reportagem multimídia utiliza suas possibilidades para levar o leitor a uma experiência mais profunda com o tema. Por meio dos links vinculados, de infográficos, tabelas, fotos e vídeos, por exemplo, o consumidor tem acesso a ferramentas que levam informações que são mais facilmente compreendidas por recursos visuais do que pela leitura textual. A narrativa é construída de tal maneira que, ao percorrê-la, o leitor se sentirá convidado e incentivado a “mergulhar” na reportagem, imergindo na história. (BACCIN, 2017)

Diante do contexto “apressado” de muitas sociedades e da busca desenfreada pelo consumo de informações, os hiperlinks aparecem como forma de agilizar e facilitar a vida, ao evitar a utilização de mais tempo para mudar de conteúdo e ao possibilitar que o consumidor tenha acesso a outras informações apenas com um novo clique. Como uma mesma página pode oferecer muitos links vinculados, as opções de troca de página são inúmeras e, por isso, podem levar os consumidores por caminhos diferentes, a lugares diferentes.

Com os hiperlinks, a interação com o conteúdo jornalístico digital deixou de ser apenas linear, criando uma espécie de “teia”, que oferece diversas opções pelas quais o leitor pode “passear”, se seguir de hiperlink em hiperlink. O pesquisador da comunicação, Pierre Lévy, corrobora:

(O hipertexto é) Um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou parte de gráficos, sequências sonoras, documentos complexos que podem ser eles mesmos hipertextos. Os itens de informação não são ligados

linearmente, como uma corda com nós, mas cada um deles, ou a maioria deles, estende suas conexões em estrela, de modo reticular. (LÉVY, 1993, p.33 *apud* FERREIRA, 2016, p.3)

Os benefícios são muitos, mas também é preciso alertar sobre um ponto sensível dos hiperlinks: eles podem gerar uma fuga da página inicial que, em um primeiro momento, seria o conteúdo de interesse do leitor. O universo que se abre a partir de um primeiro hiperlink é tão vasto que pode ser que um consumidor jamais termine de ler a matéria que começou lendo.

Para manter o leitor navegando dentro do mesmo veículo, as empresas jornalísticas buscam utilizar, majoritariamente, hiperlinks vinculados ao próprio site. Nesse sentido, outra questão pode ser levantada: o consumidor tem realmente autonomia no caminho que percorre por meio dos hiperlinks? Em certa medida, sim, pois ele pode escolher clicar ou não no hiperlink. Por outro lado, a “livre circulação” que o leitor imagina ter, na verdade, está estrategicamente pensada e organizada de acordo com os conteúdos aos quais o veículo em questão quer que os consumidores tenham acesso. O caminho é previamente percorrido pelo veículo e, por isso, a interação, sob esse ponto de vista, não é tão autônoma quanto parece ser. (FERREIRA, 2016)

O GÊNERO LITERÁRIO NO JORNALISMO

A comunicação oral sempre exerceu forte papel na humanidade e ela está intimamente ligada ao jornalismo literário. Nesse sentido, a autora do artigo “Jornalismo Literário: a realidade de forma autoral e humanizada”, Monica Martinez, acredita que o jornalismo literário começou ainda antes de haver escrita. Para ela, esse estilo de jornalismo, mais do que o tradicional, está atento à oralidade, à comunicação do cotidiano e, por isso, segundo a autora, “Não seria incorreto, sob este ponto de vista, dizer que seus primórdios remontam à aurora da civilização”. (MARTINEZ, 2009, p. 72)

Durante os séculos XVIII e XIX, escritores renomados assumiram funções nos jornais, o que levou para a imprensa uma forma específica de escrita. Segundo Pena, eles não apenas ocuparam o comando, mas também passaram a determinar a

linguagem e o conteúdo que seria veiculado. “(...) um de seus principais instrumentos foi o folhetim, um estilo discursivo que é a marca fundamental da confluência entre jornalismo e literatura”. (PENA, [s.d.], p. 5)

Ao mesmo tempo em que o jornalismo literário continua colocando em prática características fundamentais do jornalismo, há questões que ele deixa de lado, como, por exemplo, a periodicidade e a atualidade, o que Pena define como “ultrapassar os limites do acontecimento cotidiano”: “Ele não está mais enjaulado pelo *deadline*, a famosa hora de fechamento do jornal ou da revista, quando inevitavelmente deve entregar a sua reportagem”. (PENA, [s.d.], p. 7). Vale ressaltar que, no jornalismo literário, o profissional também não precisa se preocupar com o imediatismo, com a obrigação de ter que escrever sobre o que é novidade, sobre o que acabou de acontecer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tragédia em Mariana não pode ser esquecida. Por isso, a reportagem “Vozes da Lama: Histórias de pessoas que vivenciaram o rompimento da barragem de Mariana”⁵ vem como uma espécie de alto-falante, passando adiante relatos de quem, de alguma forma, protagonizou a tragédia. Esses relatos deram vida e sentido a tudo o que na reportagem está apresentado, o que foi possível também pelo estilo literário adotado na produção, que permite uma abordagem mais humanizada. Mais do que informar o consumidor, uma produção nesse estilo tem potencial para imergi-lo em um assunto que precisa ser conhecido e sentido.

Ponto importante desta produção é que ela busca ir além de conhecer e contar histórias, embora, por si só elas sejam incríveis e dignas de muito respeito e admiração. Era preciso falar algo mais e não encerrar a tragédia nela mesma. O entendimento, a partir da fala da psicóloga entrevistada, de que há esperança e de que é possível recomeçar e reconstruir a vida, mesmo diante de um trauma como esse, recebeu um lugar especial no trabalho. Foi aí que se fez importante o relato da psicóloga, que é a única entrevistada que não vivenciou o caso, mas que foi fundamental para entender o lugar da memória no processo de superação.

⁵ Disponível em: <https://spark.adobe.com/page/Fwkk8zacIxOR1/>

A reportagem foi dividida pelos relatos dos personagens, que contaram suas histórias e memórias sobre a tragédia. Como se revivessem o acontecimento a cada frase dita, foi possível sentir a emoção e as dores que o rompimento da barragem de Mariana representa tantos anos depois. Muitos deles tinham fotos da época, que mostram o lugar em que viviam, como era antes da tragédia e como ficou depois. Os registros pessoais foram de grande importância para transmitir ao menos um pouco a realidade enfrentada pelos moradores das regiões mais atingidas.

Este trabalho visa gerar memória, que possui papel fundamental no processo pós catástrofe. Em primeiro lugar, ela é o ponto de partida para que os moradores atingidos possam transformar suas situações. Lembranças trabalhadas e elaboradas, com um aparato profissional, são extremamente importantes para que a vida seja reorganizada, no sentido de o trauma não ser fator paralisador, mas impulsionador na reconstrução das realidades. Além disso, a memória é ferramenta crucial na tentativa de evitar que outra situação semelhante aconteça. Prova disso, são os diversos memoriais, como o Memorial do Genocídio de Kigali (capital de Ruanda), o Museu do Holocausto e o Museu do 11 de Setembro, que, de forma concreta, lembram constantemente o que não pode voltar a acontecer.

O rompimento da barragem do Fundão, em Mariana, não foi o primeiro, e também não foi o último: em 25 de janeiro de 2019, outra barragem rompeu, desta vez, em Brumadinho, também no estado de Minas Gerais. Apesar disso, continua-se acreditando que a lembrança é uma ferramenta importante, e que ela precisa ser preservada e organizada de forma concreta, tanto para os atingidos, quanto para as futuras gerações, que precisam saber o que aconteceu em 5 de novembro de 2015.

As entrevistas mostraram que os moradores precisavam e ainda precisam falar sobre o que aconteceu. Ter moradores dispostos a falar cerca de cinco anos e meio depois do ocorrido ensina que os desdobramentos do rompimento da barragem ainda trazem tristeza e sofrimento. Boa parte das falas dolorosas está relacionada ao modo como a situação tem sido conduzida pelas empresas, sobretudo, no que diz respeito às moradias. Todos os moradores entrevistados relataram dificuldades com essa questão.

O tema sensível abordado trouxe desafios para a execução da reportagem. Todos os que vivenciaram a tragédia tinham muito o que contar e, em alguns momentos, as lembranças se tornaram lágrimas e muita emoção. Foi preciso cuidado na condução das entrevistas, de modo que respostas importantes pudessem ser obtidas, mas sempre respeitando o sentimento e a memória dos entrevistados. Todos os relatos foram gravados, com exceção de um, cuja fonte, por questões físicas, enviou sua experiência por escrito. Outro grande desafio foi contar relatos tão marcantes, de forma a garantir que o texto da reportagem fosse o mais próximo possível das falas dos personagens, a fim de conseguir transmitir as vivências de maneira fidedigna.

A produção deste trabalho não possui a pretensão de resolver profundos e complexos problemas relativos ao desastre, que demandam grande mobilização e atenção de setores variados da sociedade. O que se pretende aqui é ser mais uma força, entre outras que já existem, para milhares de “vozes da lama”, que, por vezes, gritam soterradas, ora pelas circunstâncias, ora pelo vigor que se esvai. É função também do jornalista dar voz aos que vivenciaram de perto a tragédia, cooperando para manter viva a memória do ocorrido.

“Vozes da Lama: Histórias de pessoas que vivenciaram o rompimento da barragem de Mariana”⁶ retrata uma tragédia, mas não dedica ao trauma e ao sofrimento a palavra final. A mais importante das conclusões deste trabalho, na qual o jornalismo se faz presente e importante, é a de que há esperança, como ensina a própria natureza: a flor de lótus lembra que é possível surgir algo belo em meio a um mar de lama.

REFERÊNCIAS

BACCIN, Alciane. **A narrativa longform em reportagens hipermídia**. 2017. Disponível em: <https://antigo.periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/viewFile/1984-6924.2017v14n1p89/35056>. Acesso em: 23 abr. 2021.

BRUCK, Mozahir Salomão; VARGAS, Herom. **Narrativas da memória como dispositivo: A Sirene e a luta contra o esquecimento da tragédia do Fundão**. [S. l.], 2019. Disponível em:

⁶ Disponível em: <https://spark.adobe.com/page/Fwkk8zacIxOR1/>

http://www.compos.org.br/biblioteca/trabalhos_arquivo_YZ7MREBGAH4G9X81HM5F_28_72_91_12_02_2019_01_12_06.pdf. Acesso em: 3 dez. 2020.

FARAH, Leonard. **Além da lama: O emocionante relato do capitão dos Bombeiros que atuou nas primeiras horas da tragédia em Mariana.** 1a ed. São Paulo. Editora Vestígio, 2019.

FERREIRA, Lília Gomes. **El País: Análise da função do hiperlink em webnotícia.** [S. l.], 2016.

FUNDAÇÃO RENOVA. **A Fundação : Fundação Renova.** [s.d.]. Disponível em: <https://www.fundacaorenova.org/a-fundacao/>. Acesso em: 6 jun. 2021.

LAGE, Nilson. **A estrutura da notícia.** [s.d.]. 2015. Disponível em: <http://nilsonlage.com.br/wp-content/uploads/2015/04/LivroEstutura.pdf>. Acesso em: 31 maio. 2021.

LAKS, Aleksander Henryk; SENDER, Tova. **O Sobrevivente: Memórias de um brasileiro que escapou de Auschwitz.** 11ª ed. Rio de Janeiro. Editora Record, 2011.

LONGHI, Raquel Ritter. **A grande reportagem multimídia como gênero expressivo no ciberjornalismo.** 6o Simpósio Internacional de Ciberjornalismo, [S. l.], 2015.

MASSUELA, Amanda. **Ricardo Kotscho: O lugar da reportagem não muda, é na rua.** 2018. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/ricardo-kotscho-o-lugar-da-reportagem/>. Acesso em: 30 maio. 2021.

MARTINEZ, Monica. **Jornalismo Literário: a realidade de forma autoral e humanizada.** 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2009v6n1p71/10418>. Acesso em: 26 abr. 2021.

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. **O desastre — Caso Samarco.** [s.d.]. Disponível em: <http://www.mpf.mp.br/grandes-casos/caso-samarco/o-desastre>. Acesso em: 29 maio. 2021.

PENA, Felipe. **O jornalismo Literário como gênero e conceito.** [s.d.]. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/77311256385591019479200175658222289602.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2021.

PIMENTEL, Danielle. Entrevista concedida a Thatiana Afonso Cordeiro. Rio de Janeiro, 7 maio. 2021. Entrevista para a Reportagem: Vozes da Lama: Histórias de pessoas que vivenciaram o rompimento da barragem de Mariana.

PINTO-COELHO, Ricardo Motta. **Arquivos do Museu de História Natural e Jardim Botânico - UFMG**. Minas Gerais, v. 24, 2015.

Prefeitura Municipal de Mariana - Distritos de Mariana. [s.d.]. Disponível em: <https://www.mariana.mg.gov.br/historico>. Acesso em: 3 abr. 2021.

SENLE, Marília; BRUNORO, Mario; TANNUS, Rafael Monteiro; KLEIN, Tatiane. “**Não foi um acidente**”, diz Ailton Krenak sobre a tragédia de Mariana | ISA - Instituto Socioambiental. 2016. Disponível em: <https://www.socioambiental.org/pt-br/noticias-socioambientais/nao-foi-um-acidente-diz-ailton-krenak-sobre-a-tragedia-de-mariana>. Acesso em: 2 maio. 2021.

SERRA, Cristina. **Tragédia em Mariana: A história do maior desastre ambiental do Brasil**. 1a ed. Rio de Janeiro. Editora Record, 2018.

VILAS-BOAS, Sergio. **A reportagem de imersão**. 2010. Disponível em: <https://www.sergiovilasboas.com.br/thinking/a-reportagem-de-imersao/>. Acesso em: 30 maio. 2021.